



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8194 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 12 - Currículo

Narrando experiências de estágio em processos formativos docentes – mas que conversa é essa?

Sabrina Mendonça Ferreira - UERJ/PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Luciana Porto da Mata - FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA UERJ

*É dia de correr atrás de doce; é dia de São Cosme e (São) Damião!
Tia, nesse dia eu não venho para a escola, tá?!*

A epígrafe que abre este texto é parte de uma narrativa de experiência de estágio de uma das autoras, formanda da Licenciatura em Pedagogia na Faculdade de Formação de Professores (UERJ - FFP), em São Gonçalo, em uma roda de conversa do coletivo Diálogos Escolas-Universidade[i]. Essa escolha nos possibilita destacar aspectos importantes - tanto do campo de estudos e pesquisas com os cotidianos (ALVES; OLIVEIRA, 2008) a que nos filiamos, quanto do grupo que integramos, a saber: a vitalidade das pesquisas narrativas (auto)biográficas educativas (SOUZA, 2006, 2017); a perspectiva larrosiana do conceito de experiência (LARROSA, 2002); os estágios como potencial espaço de encontros nos processos formativos (GARCIA, 2013).

As pesquisas com os cotidianos:

(...) configuram-se como vertente em desenvolvimento no campo das pesquisas em educação que vem crescentemente sendo adotada como opção metodológica e posição político-epistemológica nos últimos anos, trazendo contribuições para pensar os currículos, as escolas, as práticas e a formação docente, entre outras temáticas relevantes (GARCIA, 2014, p. 82).

Nesse campo, nos diferenciamos de outros estudos curriculares, porque “nossa preocupação está na necessidade que percebemos de que os estudos de currículo, para além da análise das políticas oficiais, se dediquem a compreender como cotidianamente são enredados os conhecimentos e realizados os currículos” (ALVES; OLIVEIRA, 2008, p. 11). Com Garcia (2013, 2015, 2017), pensamos os currículos como produção cotidiana e os encontros, enquanto parte constituinte dos fluxos e percursos da formação docente.

Para Souza (2013, 2017), com quem concordamos, as (auto)biografias educativas permitem, por meio de movimentos narrativos, adentrar num campo subjetivo e concreto, em que diferentes atores sociais, relacionam-se consigo próprios, com os outros e com seus contextos diversos. Mas que narrativas?

Retomando o pensamento de Benjamin, Jorge Larrosa (2002), diz que experiência é aquilo “que nos toca, que nos acontece e que nos afeta”. Narrar experiências, nesse sentido, é um investimento em “possibilidades de compartilhar e produzir saberes e práticas de forma

mais coletiva e solidária como lógica constitutiva do trabalho docente e da produção de práticas sociais emancipatórias” (GARCIA; RODRIGUES, 2017, p. 104).

Narrar experiências dos estágios, oportuniza *espaçotempo* potente “na antecipação do contato entre os alunos dos cursos de formação docente e as escolas” (idem). Mas e a conversa?

Quando ressaltam conversas como metodologia de pesquisa, Ribeiro; Souza e Sampaio (2018) apontam que estamos buscando formas outras de viver a pesquisa. Elas conformam importante princípio metodológico para pensar pesquisa e formação docente relacionada com o campo do currículo e o cotidiano. Apostando na interligação desses campos como força mobilizadora, nos dizem Gonçalves; Rodrigues e Garcia (2018, p. 119):

Nossas pesquisas investem política e epistemologicamente nos diálogos entre as escolas públicas e a universidade como instrumento de ampliação e consolidação das redes de saberes docentes e de produção de práticas mais coletivas e solidárias de conhecimentos, tanto para as pesquisas quanto para os processos formativos.

A narrativa de onde a epígrafe é destacada, transformada em parte do relatório de estágio, tem desdobramentos e possibilita puxarmos fios que emergiram nos encontros:

“A professora da turma sentava-se em roda e ouvia a-ten-ta-men-te a todas as histórias vividas pelas crianças no fim de semana. Entre uma história aqui e outra acolá, uma menina cheia de esperteza levantou e disse ‘*É dia de correr atrás de doce; é dia de São Cosme e (São) Damião! Tia, nesse dia eu não venho para a escola, tá?!*’. Mas a escola é lugar onde pulsa diversidade. Outro aluno, à vontade para professar a sua fé, disse: ‘*Mas esses doces não são de Deus; na minha igreja dizem que não devemos comer esses doces e meu avô diz que eles fazem mal*’. A professora, que ouvia o diálogo das crianças atentamente e sem intervir até então, aproveitou a roda e a conversa das crianças para explicar sobre a importância de respeitar todas as manifestações de diversidade religiosa. Naquele dia eu aprendi vivenciando algo que nenhum autor lido durante a graduação poderia trazer: uma professora ouvindo sensivelmente seus alunos e dando espaço para que tivessem seus conhecimentos acolhidos, suas práticas infantis reconhecidas – algo que só os cotidianos possibilitam mesmo ter. Naquela sala, assuntos de extrema importância que circulam na sociedade, como intolerância religiosa e racismo, ganham atenção, voz e corpo, no *espaçotempo* onde as crianças estavam aprendendo a codificar e a decodificar a linguagem. Para mim, foi um momento singular. Além de a professora trabalhar questões históricas com as crianças, ela levantou questões na nossa sociedade, que é tão plural e tão desigual! Ao habitar o território escolar, podemos vivê-lo como ele é e não como os modelos dizem que ele deveria ser. No Estágio, felizmente, não há um padrão a ser seguido ou um resultado específico para ser alcançado, mas abrir-se para as experiências sem expectativas de um ideal, é transformador!”

Conversando, percebemos que “concordamos que, nos cotidianos, vão se permeando inúmeras situações potentes de aprendizado e de transformação e que vivenciar a docência na prática é um desafio carregado de incertezas”. Narrando, produzindo, vamos aprendendo, inventando o mundo e nos reinventando.

Palavras-chave: Estágios, Narrativas, Processos formativos, Currículos, Cotidianos.

[1] Grupo de pesquisa “Diálogos Universidade-Escola: redes de conversação e formação continuada”, coordenado pela Prof.^a Dra. Alexandra Garcia (FFP/UERJ).

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa. (orgs). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos escolares: sobre redes de saberes*. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano 1: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

GARCIA, Alexandra. *Encontros e processos formativos: uma conversa sobre currículos e estágio na formação de professores*. Cadernos de pesquisa em educação - PPGE/UFES, ES, v. 19, n. 38, p. 11-34, 2013.

_____. *O encontro nos processos formativos: questões para pensar a pesquisa e a formação docente com as escolas*. 37ª Reunião Nacional da ANPED, 2015, UFSC – Florianópolis.

_____. Currículo: sobre sentidos e produções cotidianas. In: FERRAÇO, C. E. et al. (Orgs.) *Diferentes perspectivas de currículo na atualidade*. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2015. p. 289–304.

_____; RODRIGUES, A. “Mais amor, por favor! ”: encontros e diálogos na formação com-partilhada e na produção dos currículos. In.: REIS, G. R. F. e OLIVEIRA, I. B. (Orgs.) *Pesquisas com formação de professorxs: rodas de conversa com narrativas de experiências*. Petrópolis, RJ: DP et alii. 2017.

GONÇALVES, Rafael M.; RODRIGUES, Allan; GARCIA, Alexandra. *A conversa como princípio metodológico para pensar a pesquisa e a formação docente*. In: *Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?* SANCHES, Carmen; RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de. Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

LARROSA B., Jorge. *Notas sobre a Experiência e o Saber de Experiência*. In: *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, 2002 n. 019, p.20-28.

SOUZA, Elizeu Clementino de. *O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores* Rio de Janeiro; DP&A, 2006.

_____; MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Orgs) *Pesquisa narrativa: interfaces entre história de vida, arte e educação*. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2017.